

VIVÊNCIAS DE UMA DISCENTE EM UMA ESCOLA NORMAL

ADRIANA SANT'ANA MARQUES DE OLIVEIRA

Universidade Federal Fluminense – E-mail: adrianamarques@id.uff.br

Em rua quase deserta, repleta de casas e apartamentos antigos que estampam em suas fachadas placas de Vende-se e Aluga-se, por detrás de um muro imponente por onde se pode penetrar apenas através de uma porta pequenina, esconde-se uma escola repleta de história.

Dois grandes prédios são separados por um pátio que circunda uma quadra de jogos. Os alunos são separados de acordo com as etapas de formação: alunos do Ensino Fundamental II agrupam-se prédio do lado direito enquanto os do Ensino Médio restringem-se ao prédio do lado esquerdo.

Aos alunos do Ensino Médio é oferecido o Curso de Formação de Professores como formação técnica e foi justamente essa formação técnica que me estimulou a iniciar o estágio naquele estabelecimento.

A criação de escolas destinadas ao preparo específico de professores para o exercício de suas funções está ligado à institucionalização da instrução pública no mundo moderno. A primeira escola normal brasileira foi instituída pelo Decreto nº 10, em 10 de abril de 1835, na Província do Rio de Janeiro, em Niterói. Esta habilitaria pessoas ao ofício do magistério da instrução primária e professores atuantes que não haviam recebido a instrução necessária. Com a denominação de “Escola Normal”, surgia neste ano a escola que hoje é conhecida como IEPIC (Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho).

O fato de ser a primeira do Brasil e também das Américas, tornou a escola ainda mais interessante para o desenvolvimento da pesquisa. Solicitei à coordenação da escola que me fossem designadas para estágio de observação às turmas de 3º Ano do Ensino Médio na tentativa de compreender de forma global os anseios e expectativas dos jovens que estavam se formando naquela instituição. O estágio teve início no mês de setembro de 2017 e perdurou até o início de dezembro do mesmo ano.

Quatro turmas de terceiro ano foram analisadas neste período. Nenhuma delas ultrapassou o quantitativo de 20 alunos sendo essas turmas compostas em sua maioria por mulheres negras

e pardas advindas de famílias de baixa renda.

A oportunidade do ingresso da mulher na escola surgiu com a ascensão dos republicanos ao poder. Para atender à demanda de escolarização, era necessário que houvesse cada vez mais professores. Assim, correntes que pregavam o magistério como atividade essencialmente feminina ganharam força, uma vez que as mulheres já eram as responsáveis pela educação dos filhos, também poderiam ser responsáveis pela formação de cidadãos.

Ainda que não fosse consenso, a ideia de formar mulheres como profissionais do magistério aos poucos se consolidou, tornando-se uma possibilidade significativa de ascensão social principalmente para as camadas sociais baixas.

Ainda hoje, muitas estudantes daquele Instituto veem o Curso Normal como uma possibilidade de inserção no mercado de trabalho, entretanto, estas em sua maioria, não enxergam o magistério como uma profissão finalística, em seus relatos, estas demonstram um claro interesse em utilizar esta formação como uma espécie de trampolim para obter ganhos financeiros.

Por compatibilidade de horários, fui designada para acompanhar as aulas da professora de sociologia que desde o primeiro momento percebi que fugiam ao padrão da instituição.

Por escolha da professora, a maioria de suas aulas era ministrada em uma sala denominada “Griot”. Os griots, personagens importantes na estrutura social da maioria dos países da África Ocidental. São indivíduos responsáveis por transmitir a tradição e a cultura preservando e transmitindo histórias, fatos históricos, conhecimentos e canções de seu povo. Eles ainda ensinam a arte, o conhecimento de plantas e dão conselhos aos jovens príncipes. Vivem hoje em muitos lugares da África ocidental, incluindo Mali, Gâmbia, Guiné e Senegal, e estão presentes entre os povos Mandê ou Mandingas.

Em contraposição ao tradicional, a Sala Griot possui grafites em suas paredes e esteiras ao invés de carteiras. Os alunos podem assistir às aulas sentados, deitados ou mesmo em pé, de acordo com suas preferências. Estantes recheadas de livros indígenas e africanos compõem a sala que abriga ainda algumas obras de arte confeccionadas pelos alunos. A sala pode ser utilizada por qualquer professor da instituição, mas segundo relatos dos discentes, poucos se interessam por ela.

A professora de sociologia faz parte dessa minoria e utilizava a sala com frequência. Durante minha estadia no IEPIC, a docente não utilizou a sala apenas em uma ocasião, em virtude do calor. (A sala não possui ar condicionado)

Suas aulas eram ministradas com pouca ou nenhuma rigidez. Foucault, Bourdieu entre outros autores eram apresentados aos alunos com total fluidez. *Aquela aula não era igual às outras*, diziam os alunos. Naquele momento eles podiam ser livres para expressar seus sentimentos e suas frustrações.

A “educação bancária” tão criticada, ainda é regra naquela instituição de formação de professores. As queixas de pouco ou nenhum espaço para a criatividade e criticidade eram frequentes entre os discentes. Aquela aula era por muitos vista como um alento de que é possível fazer diferente. “(...) É isso que nos leva, de um lado, à crítica e à recusa ao ensino “bancário”, de outro a compreender que, apesar dele, o educando a ele submetido não está fadado a fenecer; em que pese o ensino bancário”, que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitado pode, não por causa do conteúdo cujo” conhecimento” lhe foi transmitido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “bancarismo”. (FREIRE, 1996)

As aulas de Sociologia com toda a certeza superavam esse “bancarismo”. Percebia-se claramente que ao aproximar a disciplina dos problemas concretos da sala de aula, a professora enriquecia sua aula convertendo os temas em debate em ferramentas pedagógicas que aproximavam a disciplina dos educandos, tornando-a muito mais atrativa.

O exercício docente não se constitui em uma ação pura e impensada, requer planejamento e articulação de saberes ainda que estes não estejam sistematizados. O planejamento e a prática não podem e nem devem estar dissociados da realidade dos educandos. A qualidade das aprendizagens dos alunos depende da qualidade do desempenho profissional dos professores.

Aliar as ferramentas pedagógicas aos conteúdos, entretanto, não é das tarefas mais fáceis. Durante a formação do profissional da educação normalmente um dos dois é privilegiado em detrimento do outro. Saviani trata do tema como um dilema cuja raiz é a dissociação desses dois aspectos, uma vez que ao ingressar nas especializações universitárias é pressuposto que os estudantes já vivenciaram a unidade dos dois

aspectos na educação básica, desta feita, o ensino superior poderia se fixar apenas em um deles.” Em consequência, os que foram aprovados no vestibular de Pedagogia não precisam mais se preocupar com os conteúdos. E os que foram aprovados nos vestibulares das diferentes disciplinas de licenciatura se concentram apenas nos respectivos conteúdos específicos, despreocupando-se com as formas a eles correspondentes.” (SAVIANI, 2009)

Infelizmente, os relatos dos alunos naquela escola confirmavam essa afirmação. Muitas eram as queixas sobre como aqueles conteúdos poderiam ser utilizados e muitas outras se referiam a como a falta de habilidades pedagógicas atrapalhava a aprendizagem.

Intrigada com o processo de aprendizagem dos alunos, procurei assistir a outras aulas como ouvinte na tentativa de obter uma visão geral das queixas do alunado. Pude perceber o quanto essa dissociação é prejudicial ao trabalho docente e o quanto empobrece a sua formação. Muita teoria e poucos exemplos foram observados durante esse processo. Como resultado, alunos desmotivados e insatisfeitos com sua formação.

Cabe destacar, entretanto, o visível poder de argumentação adquirido por aqueles discentes que ainda que não estejam satisfeitos com sua formação, desenvolveram profundamente sua criticidade e a capacidade de argumentação. Tais habilidades não devem ser atribuídas a um único professor, mas com toda a certeza foram estimuladas durante as aulas de sociologia.

Referências

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos, “A Primeira Escola Normal do Brasil”. In: ARAUJO, J.C.S. FREITAS, A.G.B. e LOPES, A. P.C. (Orgs.).As Escolas Normais no Brasil: do Império a República. Campinas: Editora Alínea. 2008.

SILVA, Gilvan Ventura da ; FRANCO, Sebastião Pimentel (Org.) ; NADER, Maria Beatriz (Org.) . História, mulher e poder. 1. ed. Vitória: Edufes, 2006. v. 1. 325p .

SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 40 jan./abr. 2009

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 11ª Edição. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.